

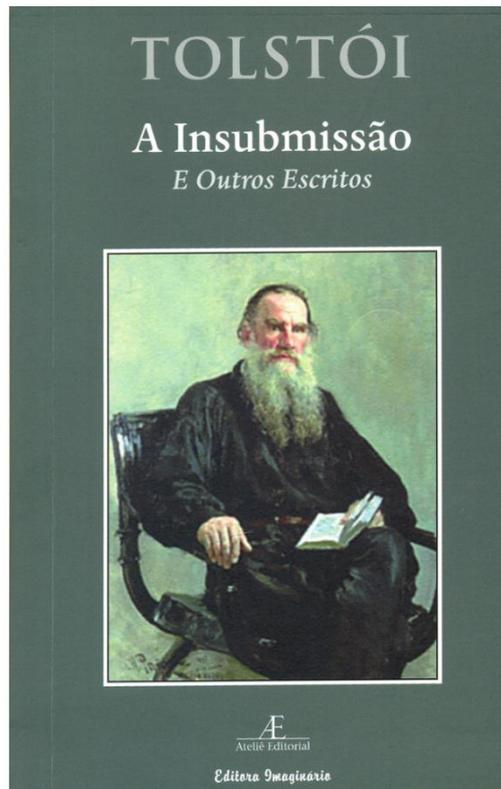
INSUBMISSO: O PACIFISMO DE TOLSTÓI CONTRA A VIOLÊNCIA DO ESTADO

*Eduardo, André Gustavo de Paula*¹

Resenha da obra:

TOLSTÓI, Leão. *A Insubmissão e Outros Escritos* (org. e trad. de Plínio Augusto Coêlho). Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Editora Imaginário, 2010.

ISBN: 978-85-7480-534-4



Volta e meia torna ao coração do debate político o real papel do Estado: proteção ao indivíduo, instrumento fiador da emancipação do ser humano ou apenas aparato de repressão, seja numa estrutura capitalista ou numa sonhada realidade socialista?

Leão Tolstói (1828-1910) não se furtou à reflexão sobre a liberdade humana e seus grilhões, identificando as forças do Estado, da Igreja, da política convencional como agressoras. Após o reconhecimento e fama com *Anna Karenina* e *Guerra e Paz*, Tolstói se volta à reflexão espiritual e resume seus esforços em idealizar uma sociedade justa, porém

¹ Mestre em Comunicação pela Unesp. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma instituição.
E-mail: agpe13@yahoo.com.br

sem o uso da violência. Tolstói, o nobre, dá lugar ao profeta, ao vegetariano, ao escritor distanciado das celebrações mundanas. Este “novo Tolstói”, que influenciaria Gandhi e Martin Luther King é essencialmente um pacifista, um cristão primitivo, aparentado espiritualmente a um estóico e talvez aos antigos terapeutas gnósticos ou aos essênios de Qumran, e é também o filósofo de um mundo sem Estado, sem propriedade a alheio a noções como “patriotismo”, “nacionalismo”, subterfúgios que serviriam apenas ao status quo, formas de mistificação e engodo para justificar os crimes do poder.

Com o lançamento de *A Insubmissão e Outros Escritos* uma chance rara de conhecer esta faceta fundamental de Tolstói surge. O romancista russo ainda é pouco conhecido por seus panfletos teóricos, e mesmo seus contos de motivações espirituais ou anárquicas não têm ainda a merecida capilaridade. *A Insubmissão*, lançado pelas editoras Ateliê Editorial e Imaginário, com tradução e organização de Plínio Augusto Coêlho, é uma benfeitoria oportunidade para preencher essa lacuna. Coletânea de três textos do grande escritor de Iasnaia Poliana, *A Insubmissão*, *Aos Políticos* e *Sobre a Revolução*, traz ainda dois textos que funcionam como introduções: Tolstói, profeta de uma nova era do anarquista Rudolf Rocker e Tolstói libertário e aqueles que o seguem, assinado por Gorsky.

O opúsculo de Rudolf Rocker, publicado na imprensa anarquista britânica em princípios do século passado, é uma aquarela do “profeta da nova era”: uma alma em angústia, fervilhante, que conhecera todos os rituais vazios da existência mundana e parte, peregrino, à procura da essência da vida. Tolstói volta-se a Deus, mas rompe com a Igreja. Tolstói interioriza-se, espiritualmente – e geograficamente. Em si busca a verdade e contato com Deus; e no interior, longe das festividades aristocráticas, busca o contato com o camponês e sua compreensão singular do mundo. O texto seguinte, de Gorsky, ressalta este cristão primitivo, crítico de mecanismos de poder que hipnotizam as pessoas, criando uma ilusão de que o estado atual das coisas, seja qual for, é imutável, não cabendo ao homem tentar provocar mudanças em um processo presumivelmente mais forte e irreversível.

A Insubmissão principia criticando o pensamento beligerante das potências europeias. Ao atacar o militarismo, por extensão colide suas ideias com noções que, segundo Tolstói, são falsas: “patriotismo”, “nacionalismo”, formas de dominação que colocam “irmãos contra irmãos” a serviço de um governo por natureza corrupto. Parece

um preâmbulo, ou um pressentimento para os anos que viriam da 1ª Grande Guerra. Daí parte para um ataque sistematizado ao Estado: é ele quem promove a violência, de inúmeras formas, porém coloca-se como meio de proteção para o um homem “desamparado”. Para o autor, autêntico anarquista, o Estado é o estorvo; quando não, é violência. É a força a limitar a vontade dos homens e o desenvolvimento de suas potencialidades.

Ao se focar no problema da guerra, ataca-o feérico, comparando o soldado que marcha a um palhaço, escravo de toda uma ordem hierárquica. Não há dúvidas quanto ao desrespeito natural de Tolstói pela autoridade, e poucas tão desprezíveis quanto a militar. E ironiza as “vantagens” que a submissão pode trazer, no caso do exercício militar: “Depois de haver se submetido a todas as degradações e cometido os atos mais cruéis sob ordens pode, no caso de ter sobrevivido, receber algumas divisas ou vistosas condecorações para decorar seu traje de palhaço” (p. 40).

Continua Tolstói com Aos Políticos, no qual, já no primeiro parágrafo conclama os trabalhadores a viver conforme princípios do cristianismo, e a contestar sua situação de opressão. Neste pequeno ensaio, conclui que a função essencial do Estado tem sido impedir mudanças. E que há sempre um choque entre o poder e o povo; sua síntese é ameaçar a liberdade individual, e certamente Tolstói não a concebe da forma como teorizam os capitalistas liberais. O Estado suprime a “única e verdadeira liberdade, que consiste em que cada homem possa viver e proceder segundo sua própria razão; pagar ou não impostos, entrar ou não no serviço militar” (p.53). Tolstói colocará em dia sua “dívida” para com outros teóricos que cita: Goldwin, Proudhon, Bakunin e Kropotkin. E também Max Stirner, e cita o Thoreau de Por que o homem não deve obedecer ao governo?.

Por fim, em Sobre a revolução traz uma crítica aos que insistem em pregar a violência enquanto método de emancipação. Mais uma vez, prega a não obediência ao Estado, ao militarismo, à propriedade e qualquer forma de injustiça, inclusive aquelas que se travestem de leis para a exploração dos homens. A Insubmissão e Outros Escritos prossegue atual, num tempo em que a contestação continua em curso, confusa ou consciente, e partilha do espírito daqueles que se recusam a ser partícipes de uma sociedade insana e falida.